

UNA DONNA SOLA
de **DARIO FO / FRANCA RAME**

encenação **LUÍS VICENTE** interpretação **ANTÓNIA TERRINHA**

Espectáculo dirigido ao público em geral
Antestreia em 14 de julho de 2018, no Auditório do Teatro das Beiras

Sobre o espetáculo:

Numa sala muito cor-de-rosa, de uma casa muito escura, uma solitária mulher executa a rotineira tarefa “muito feminina” de passar a roupa a ferro. Ela passa, passa, passa... Subitamente, dá conta que no prédio defronte, num apartamento até então desabitado, se instalou uma nova inquilina. Tudo muda: deixa de estar só!

Começa então entre elas uma conversa (na verdade, um solilóquio) na qual, sob múltiplos aspetos, se evidencia a relação homem/mulher, hoje como no passado, uma questão de antropofagia. Diz Unamuno que o homem não pode viver senão de fome. A mais viva expressão de amor é “Eu comia-te!” (...) Só que hoje já não comemos as carnes; comemos as almas! É desta matéria, na sua abrangência real e metafórica, que fala o espetáculo.

Autores: Dario Fo e Franca Rame | **Encenação:** Luís Vicente | **Cenografia e figurinos:** Luís Mouro | **Desenho de luz:** Fernando Sena | **Interpretação:** Antónia Terrinha | **Operação de luz:** Jay Collin | **Operação de som:** Fernando Sena | **Voz-off:** Luís Vicente, Nuno Geraldo e Roberto Jácome | **Costureira:** Amélia Cunha | **Produção:** Celina Gonçalves | **Fotografia e Vídeo:** Ovelha Eléctrica

Classificação etária: maiores de 14 anos

Duração: 55 minutos

Conheci o Dario, a Franca e o Jacobo, filho de ambos, num ano que agora não consigo precisar, mas com certeza já depois de 97, o ano em que a obra do Dario foi contemplada com o Nobel da Literatura. Fui levado a casa deles, em Gubbio, na Umbria, por um amigo comum, o Nazzareno Vasapollo. Seguramente que era Verão porque o Dario estava lá e ele não suportava o frio de Gubbio. À Franca, ouvi-a nessa ocasião num recital com um texto que falava dos índios seminóis (uma tribo *tabu* na História dos Estados Unidos da América, acerca da qual se apresenta uma versão oficial não coincidente com a realidade dos factos). Foi o Jacobo quem promoveu o recital e apresentou a mãe nestes termos: *Senhoras e Senhores, convosco a grande actriz, a mulher mais bonita de Itália, que nunca traiu o movimento operário internacional: Franca Rame!* Foi no auditório da Libera Università di Alcatraz que o Jacobo dirigia. Este baluarte cosmopolita, instalado numa serra sem fim, na quinta dos Fo/Rame, em Gubbio, lamentavelmente foi desactivado depois do

falecimento do Dario. Recordo que naquele lugar ermo cruzavam-se, diria, todas as línguas do Mundo: polaco e mandarim, árabe e inglês, russo, romeno, turco e português...num espaço de Liberdade e debate de ideias como nunca conheci outro igual. *Que raio de nome arranjaste para uma universidade livre!* disse eu ao Jacobo nessa ocasião – *É que daqui não se consegue sair. No Verão, pelas emoções fortes; no Inverno, porque é Inverno. Das emoções, já conheces um pouco; quanto ao Inverno, volta cá nessa altura para o conheceres aqui!* E voltei. Não uma, mas duas vezes quase seguidas. Da primeira, já não voltei à conversa com o Dario, que era Inverno e ele estava recolhido em Milão; e a Franca já *não estava cá*. Passei grande parte do tempo com o Mario Pirovano, um actor fantástico, e a Ângela, sua mulher (que depois, ao fim de 15 anos de casados, vieram gozar a lua-de-mel ao Algarve e aboletaram-se em minha casa). O Mario trabalhou durante muitos anos com o Dario e está de tal modo colado à figura do Mestre, que o Jacobo o trata por *Signor Mario Fo*. Da segunda vez, fui lá dirigir um workshop em que participaram professores e educadores de 9 nacionalidades. Aboletei-me, como desde a primeira vez, numa torre do sec. XIV que fica a poente da quinta. Um frio ímpio! Nessa ocasião, fui levado a Assis. Foi aí que fiquei a perceber a paixão do Dario por São Francisco, o santo que inventou o presépio. Depois voltei lá outras vezes. Naquele lugar a Franca Rame era figura tutelar, com estátuas e estatuetas da sua figura disseminadas por toda a quinta. Após ela ter *partido*, disse-me o Mario Pirovano, que o Dario escreveu 15 textos (que estão inéditos) no período de cerca de 2 anos. Fiquei a perceber o que é o Amor de uma vida! Eles, que quando se conheceram, ainda jovens (num teatro, o Dario como encenador e a Franca como atriz), entraram imediatamente em conflito; três meses depois estavam casados. Por tudo o que observei e vivenciei no convívio que mantive com ambos, algumas vezes dei, e dou, comigo a pensar: A estes, nem a morte os há-de separar! E, em verdade, 5 anos após a *partida* da Franca e quase 2 do Dario, aqui estou eu, no Teatro das Beiras, a encenar um texto escrito por eles e a recordar-me do carinho com que se beijavam sem pudicícia.

Luís Vicente